

---

**O SERTÃO MARANHENSE NO CONTEXTO DA BALAIADA: conflitos e contradições**

Sandra Regina Rodrigues dos Santos<sup>1</sup>

Para a caracterização da região sertaneja do Maranhão onde se desenrolou a Balaiada, faz-se necessário distinguir os espaços que a compreendem: o *Maranhão Oriental*, *Baixo Sertão* e *Pastos Bons*. Isto porque, o sertão do Maranhão onde ocorreu a Balaiada, geograficamente não apresenta a mesma base físico-natural.

Do lugarejo denominado Manga do Iguará, ou simplesmente Manga, banhado pelos rios Munim e Iguará, localizado na região do *Maranhão Oriental*, saíram os ecos da revolta iniciada em 13 de dezembro de 1838, denominada mais tarde Balaiada. Esta região, do ponto de vista geográfico, se caracteriza por ser:

A zona, que de certo modo prenuncia os chapadões sertanejos e a grande região árida do nordeste brasileiro, do Piauí a Pernambuco e Bahia... não sendo simplesmente uma transição direta para "o nordeste árido", mas o prolongamento litorâneo do meio norte... se nota como a mais seca, provavelmente pela porosidade do terreno, e mais intensa, conseqüentemente, à concentração de vida ... à proximidade do mar, evita naturalmente, a essa região o caráter sub-desértico que, a não ser isso, a afligiria, em virtude da natureza e em grande parte a porosidade do solo. O regime dos rios é bastante irregular o que se explica pelo solo e pelo clima. (LOPES, 1970. p. 148)<sup>2</sup>.

O outro espaço sertanejo atingido pela Balaiada foi o da região do Baixo Sertão, onde localiza-se a cidade de *Caxias*, na zona do Itapecuru. Da cidade de Caxias via rio Itapecuru os rebeldes atingiram o baixo Munim e ocuparam a vila de Icatu, localizada na baía de São José, em frente à ilha de São Luís, fato que se constituiu numa grande ameaça ao governo da capital.

---

<sup>1</sup> Professora adjunto do Departamento de História e Geografia da Universidade Estadual do Maranhão.

<sup>2</sup> Todas as localidades dessa zona formam uma série, rodeando-a quase totalmente fixas as embocaduras do litoral e as imediações do Parnaíba, do Itapecuru e do Munim (Barreirinhas, Tutóia, Araiozes, Brejo, São Bernardo, Buriti, Curralinho, Chapadinha, Vargem Grande, Nina Rodrigues, Icatu, Humberto de Campos).

A cidade de Caxias revestia-se de grande importância, pois além de ser o principal centro de população do interior da Província, destacava-se pela atividade agrícola e pastoril. E principalmente pela sua posição geográfica, "a cabeça da linha fluvial do Itapecuru e a chave dos sertões do Parnaíba, do Alto Itapecuru e mais, indiretamente, do Tocantins, tornaram-na, depois de São Luís, a mais próspera, a mais rica cidade do Estado (LOPES, 1970, p. 164)

O *Alto Sertão*, até o início do século XIX, compreendia toda a região denominada Pastos Bons, espaço geográfico caracterizado por vastos e fecundos campos e banhado por rios perenes. Esta região, a partir da segunda década do século XIX, passou por grandes mudanças no seu panorama social e político em razão da expansão do gado e da abertura de novas rotas comerciais. Surgiram nesse espaço várias vilas ricas e prósperas, a exemplo de Pastos Bons, Carolina, Grajaú, dentre outras.

As condições geográficas dessas regiões que compõem o espaço sertanejo influenciaram na expansão do movimento balaio, que chegou a atingir o Piauí e as fronteiras de territórios vizinhos, a exemplo de Goiás e o Ceará.

### **As visões sobre o sertão**

À medida que se definiam as linhas da colonização do espaço geográfico brasileiro ao longo dos três primeiros séculos, percebe-se uma nítida separação entre os termos "litoral" e "sertão", que passam a representar, nesse processo, "categorias opostas e complementares".

Sob o aspecto de categorias opostas, o litoral representava geograficamente toda a região da costa banhada pelo mar. "Espaço conhecido, delimitado, colonizado ou em processo de colonização, habitado por outros povos (índios, negros), mas dominado pelos brancos, um espaço da cristandade, da cultura e da civilização" (AMADO, 1995, p. 148)

O sertão, ao contrário, significava os espaços do interior da colônia, inacessíveis, permanecendo isolado, atrasado, representando também espaços "perigosos, dominados pela natureza bruta, e habitados por bárbaros, hereges, infiéis, onde não haviam chegado as benesses da religião, da civilização, da cultura" (AMADO, 1995, p. 149).

Sendo assim, essas duas categorias se completam, e uma não teria sentido sem a outra. "Uma foi sendo construída em função da outra refletindo a outra de forma invertida, a tal ponto que,

sem seu principal referente (litoral, costa), ‘sertão’ esvaziava-se de sentido, tornando-se ininteligível e vice-versa” (AMADO, 1995, p. 150).

Ao longo do processo de ocupação empregaram-se, de forma distinta, os termos litoral e sertão, para designar regiões antagônicas sob vários aspectos. A categoria "sertão" havia impregnado não apenas as autoridades da colônia, como também os viajantes estrangeiros que nos visitavam, quando queriam referir-se às regiões distantes do litoral. Assim, o termo "sertão" passou a ser parte integrante da língua usada no Brasil, com amplos significados.

No século XIX, não apenas estavam absorvidos todos esses significados do conceito de sertão, concebidos pelos portugueses, como também outros significados passaram a ser utilizados. Após a Independência, o termo passou a ser ressignificado, se constituindo em elemento básico para o entendimento de "Nação".<sup>3</sup> A partir de então, os estudiosos brasileiros passaram a imaginar a conquista do sertão como de responsabilidade da gente local, reforçando a idéia de ruptura com os antepassados europeus, na expansão pelo sertão.

Dessa forma, a conquista da região sertaneja era vista como fundamental para encontrar o gérmen da nacionalidade brasileira: chegar ao sertão significava conquistar aquilo que já era do Brasil de direito, aproveitando toda a riqueza natural e humana ali disponível, e incorporando-o à nacionalidade. A este respeito são significativos os estudos de Capistrano de Abreu (1907) e de Oliveira Viana (1938), pois trazem sensíveis contribuições à ocupação dos sertões, revelando a importância da movimentação das correntes povoadoras na consolidação da unidade nacional.

Nesses estudos sobre o sertão, geralmente percebe-se uma interpretação enaltecida da sociedade e do homem sertanejo, sempre preso à sua origem e aos seus antepassados; os desbravadores nordestinos que plantaram nessas plagas a civilização da pecuária, ou os honrados patriotas que no sertão se refugiaram fugindo de perseguições políticas.

O homem do sertão (...) era apegado visceralmente ao solo: sadio, ativo e trabalhador, cioso de sua independência e dos seus haveres; lavrando bravamente as

<sup>3</sup> De acordo com Manoel Salgado Guimarães, o termo Nação, na forma aqui empregada, "deveria dar conta da totalidade, construindo a Nação em sua diversidade e multiplicidade de aspectos". Cf. GUIMARÃES, Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos**. 1998.

roças; tratando com carinho os rebanhos; sonhando eternamente com um Brasil maior, porque, para ele, o Brasil do seu tempo ainda era colônia, ainda não era Brasil (ABRANCHES, 1993, p. 155).

Coadunando com este pensamento sobre o homem do sertão, sua maneira de agir, a organização do seu trabalho e seus ideais políticos, assim posiciona-se Astolfo Serra (1946, p. 190):

Nasceu, desse aventureiro nordestino, o homem dos sertões maranhenses. Surgiu do nômade, o homem que se fixou ao solo, lutando como leão, pela posse do terreno, envolvendo aos poucos, de geração em geração, chegou a donos de fazendas de gado, senhor de numerosos escravos. Começou, assim, a primeira organização social dos sertões maranhenses... Brotou, de maneira violenta, o espírito nativista, e foi, por isso, que os sertanejos maranhenses, nas lutas independentistas, escreveram páginas admiráveis de bravura e de sacrifícios.

Mesmo com a exaltação do homem sertanejo, continuava a dicotomia e visão de uma separação entre o litoral e o sertão, os quais se mantinham como dois mundos à parte. A nítida separação entre a região litorânea e o sertão do Maranhão é vista por muitos autores<sup>4</sup> como uma verdadeira dicotomia, mantendo as divisões entre as duas regiões.

Há, portanto, um antagonismo entre o governo provincial 'atlântico' de São Luís, envolvido pela área agroexportadora litorânea, montada pela companhia Pombalina do "Grão-Pará e Maranhão", e os governos municipais continentais do interior maranhense e piauiense, área dos chapadões do meio-norte, povoada por vaqueiros e criadores (ALENCASTRO, 1989, p. 9).

### **O sertão da Balaiada: espaço de contradições**

O sertão do Maranhão somente no século XVIII viu iniciado o seu processo de ocupação e povoamento, decorrente da penetração da pecuária, e com a entrada de nordestinos saídos das zonas áridas da Bahia e das caatingas de Pernambuco. Essa região, dos pontos de vista espacial,

---

<sup>4</sup> SANTOS. Maria Januária. A Balaiada e a Insurreição dos Escravos no Maranhão. Rio de Janeiro: Ática. 1983; ALENCASTRO. Luís Felipe de. Memórias da Balaiada. Introdução do Relato de Gonçalves de Magalhães. **Revista do CEBRAP** n° 23. 1989; CABRAL. Maria do Socorro Coelho. Caminhos do Gado. São Luís: SIOGE. 1992; ABRANCHES, Dunshee. A Esfinge do Grajaú - Memória. 2ª ed. São Luís:ALUMAR, 1993.

social e cultural, iniciou seu desenvolvimento desarticulado do litoral, mantendo contatos com os outros centros, especialmente a Bahia e Pernambuco, de quem passou a receber grandes influências.

Tangendo os seus rebanhos das margens do São Francisco, transpuseram as Serras dos Dois Irmãos e atingiram em 1674, as chapadas do Piauí, ao mesmo tempo ou um pouco antes, Francisco d'Ávila, senhor da casa da Torre, na Bahia, também alcançou essa região penetrando em terras maranhenses (ALMEIDA, 1852, p. 26).

A falta de articulação do sertão maranhense com o litoral criou uma nítida separação entre as duas regiões, caracterizada por antagonismos. Esses aspectos se cristalizaram e avançaram por todo o século XVIII, adentrando o século XIX e despontando em um relacionamento tenso que se definiu nos conflitos entre as camadas sociais do sertão e o poder provincial.

O germen da história da Balaiada tem ligação direta com este aspecto dicotômico, além de contemplar diversos aspectos de natureza distinta. Socialmente, este movimento foi composto por elementos provenientes das mais diversas categorias, o que lhe dá um caráter heterogêneo; as concepções políticas e sociais que moveram os rebeldes à luta foram os fundamentos do liberalismo constitucional e monárquico, ecleticamente entrelaçados com a defesa nativista de um nacionalismo exacerbado.

A dicotomia não é apenas sob o ponto de vista geográfico e econômico, mas também político. Sob o ponto de vista político, a falta de articulação entre as duas regiões, favoreceu o estabelecimento de um relacionamento tenso e cheio de conflitos entre as classes locais do sertão e o poder da província, manifestado na insatisfação de alguns sertanejos e nos movimentos de revolta que eclodiram naquela região.

Abordar a Balaiada em sua dimensão sertaneja implica conhecer a variedade de discursos em torno do sertão. Assim, sertões são geografias que não se referem a uma mesma base física e natural, mas a diferentes meios que se identificam pelas singularidades e pelo simbólico. Seu espaço físico é todo aquele que possa ser imaginado como terras distantes, longínquas, do interior, isoladas, amplas, vazias, áridas, pouco povoadas, selvagens, cheias de mato, de gado, terras a ermos. O sertanejo é pensado como forte, bravo, macho, valente,

ignorante, violento, inquieto, revoltado, livre, sem-lei, sábio, criativo, supersticioso, religioso, devoto, respeitador, resignado, pobre, miserável, austero e nômade.

O sertão da Balaiada que se constitui por diferentes espaços geográficos, não correspondendo a uma localização geográfica específica, no entanto, se unifica por representações comuns de paisagens do sertão, ligadas especificamente ao espaço físico, ao povo, a sociedade e cultura.

A sociedade e a cultura do sertanejo são vistas como anacrônica, tradicional, rural, latifundiária, autoritária, mítica, rústica, simples, popular, regional, folclórica e rica. Sertão, portanto, é o lugar em que ao mesmo tempo tudo se afirma e tudo se nega.

(...) é tempo sobretudo de outros tempos, reino do fantástico e do mítico... nele irrompem manifestações e fatos estranhos sobressaindo ora da força telúrica da terra, ora da ausência da água, ora do furor do fogo... espaço atravessado por lendas e encruzilhadas onde os mais diversos inesperados encontros podem acontecer... (CRISTÓVÃO, s/d, pp. 43-4).

O sertanejo maranhense assim como os demais sertanejos do Brasil, habita uma “área de confronto, com espaço de interrogações e de questionamentos, povoada do fantástico e do mito, onde tudo é possível de acontecer”.<sup>5</sup> Para Astolfo Serra (1946), o sertanejo maranhense tem sua vida presa à terra por laços seculares de sacrifícios e de trabalhos.

Durante a Balaiada um espaço significativo do sertão do Maranhão foi conquistado pelos rebeldes. Este espaço mesmo apresentando distintas geografias era identificado pelas singularidades do contexto sertanejo: vasta faixa de territórios incultos; chapadas despovoadas; dificuldades de comunicação; isolamento em relação a maioria dos centros desenvolvidos.

As dificuldades que apresentam o território do sertão maranhense para quem não conhece, constitui-se uma grande desvantagem, no entanto para quem o conhece, pode vir a se constituir uma grande vantagem. A grande vantagem dos rebeldes balaios deve-se ao fato deles serem profundos conhecedores daquelas regiões, pois nela se embrenhavam, organizando-se em grupos que, quando menos o inimigo esperava, eles atacavam de surpresa. Eram técnicas de

<sup>5</sup> Cristóvão Fernandes. “A transformação da realidade sertaneja e sua passagem a mito (a Divina Comédia do sertão)”. São Paulo: **Revista da USP**, Dossiê Canudos, nº 20, s/d, p. 43-54.

guerrilhas que os grupos aplicavam, as quais exigiam muita habilidade, agilidade e rápida mobilidade nos locais onde agiam.

O sertão do Maranhão apresenta uma sociedade marcada por aspectos singulares que, ao longo do tempo, passaram por sensíveis transformações. Retomando ao princípio de sua ocupação, deparamos com características sociais e culturais extremamente rústicas e simples, com traços que na maioria das vezes indicam a ligação destes aspectos com a atividade econômica básica ali desenvolvida, a pecuária.

Na sociedade sertaneja dos primórdios da colonização, os eixos de produção eram a atividade pastoril e a pequena lavoura, em torno das quais desenvolveram-se populações, ligadas aos currais e a pequenos roçados. A célula desta sociedade era a família patriarcal, integrada pelo pai, seus dependentes e agregados. Cada família conduzia-se sob suas próprias regras e normas, sendo comum naquele espaço a eclosão de conflitos entre elas, às vezes por motivos como a disputa de uma cacimba.

Naquele cenário, a figura do fazendeiro proprietário dos latifúndios e do gado era de grande poder e prestígio, exercendo amplo domínio sobre todos os que estivessem na sua dependência, inclusive os trabalhadores. A autoridade dos poderosos proprietários era resguardada por tropas próprias, na maioria das vezes formadas por forasteiros, fugitivos de outras regiões, figuras sobre as quais assim se referiu Francisco de Paula (1849, p. 78-79)

Um considerável número de homens que vivem ali mais a ligeiras, sem modo algum de estabelecimento, consta daqueles vadios e malfeitores, que, como temos dito, fogem das outras capitânicas, e especialmente Pernambuco, e vem entranhar-se neste sertão como em um seguro asilo seu, aonde falte quem por obrigação de seu cargo se intrometa com a averiguação dos motivos daquela emigração ou com os resultados de sua conduta atual.

Esta ordem de acontecimentos denota naquela região a quase inexistência de justiça e policiamento, aspectos que de certa forma favoreceram não apenas a presença de forasteiros, como a conduta desafiadora dos proprietários, muitos dos quais chegaram a impor sua autoridade até sobre os representantes do governo.

---

Nessa sociedade a moradia, o vestuário, a alimentação, os hábitos e costumes revelavam os aspectos da simplicidade e rusticidade do homem sertanejo. A habitação do sertanejo, ou seja, a choça, o rancho ou até mesmo as casas das fazendas, todas eram feitas toscamente de palhas e barro. Para Astolfo Serra (1946, p. 36), a habitação do sertanejo maranhense traduz uma das mais impressionantes características de sua personalidade, a hospitalidade.

Da choça humilde e primitiva isolada no meio do mato, à fazenda abastada, aos sítios de cana, o varandado hospitaleiro guarda o hóspede sem lhe indagar de onde vem, ou para onde vai, sempre disposto a lhe dar o agasalho amigo e inviolável, com os agrados que a situação econômica do dono da casa permite. O hóspede é sagrado para o sertanejo.

A hospitalidade era considerada um fator marcante naquela cultura. O sertanejo maranhense estava sempre disposto a dar agasalho e abrigo, de acordo com suas posses. Para ele, o hóspede era sagrado, no entanto, conforme atesta Ribeiro de Paula, chegava por vezes a ser enganado.

De uma condição dócil, hospitaleiros e agasalhadores, tratam os passageiros, de que sempre tem concorrência, com agrado próprio sim de sua rusticidade grosseira, porém severo e de boa fé, até facilitar tudo o que possuem aqueles que sabem carinhosamente enganá-los, e isto ao ponto de não se acautelarem dos prejuízos que se lhe tem seguido da sua credulidade (RIBEIRO, 1849, p. 45).

O sertanejo contentava-se com pouco na alimentação, sempre bastante modesta, composta basicamente de feijão, farinha branca, carne seca (para fazer paçoca), rapadura, macaxeira (aipim), milho e arroz, além de buriti, piqui, e da coalhada escorrida.

A cultura do sertanejo maranhense foi e se mantém repleta de hábitos, costumes e crendices. Dentre os costumes destacam-se as vaquejadas, as desobrigas, as festas religiosas (padroeiros, Natal, São João) e as festas profanas.

As vaquejadas sertanejas eram dias festivos que reuniam na casa da fazenda um grande número de vaqueiros e amigos da redondeza, que vinham participar da partilha do gado. Depois dessa partilha, fartavam-se os convidados com um banquete regado a pinga, para em seguida iniciar-



se a festa rude dos vaqueiros, a vaquejada propriamente dita, descrita por Astolfo Serra (1946, p. 35) como uma espécie de evocação mitológica:

Não é uma carreira é uma vertigem, o novilho sentindo-se perseguido corre cada vez mais. Cavaleiro e cavalo formam um bloco, uma espécie de monstro mitológico num acesso de loucura imprevisível. Nada os impede de correr. Há instantes em que os dois se encontram. O vaqueiro, num movimento rápido, pega-lhe a cauda, e faz a "quebra" do animal, vitoriosamente, derrubando o touro, e vencendo, desse modo, na partida.

As desobrigas eram as mais alegres reuniões sociais dos sertanejos. Em peregrinações às vezes demoradas, os vigários andavam de um lugar para outro, rezando missas, fazendo batizados, casamentos e confissões. O povo viajava grandes distâncias para ir a uma dessas reuniões, pois longo foi o tempo esperando a visita do padre. As desobrigas, além de representarem encontros de fé, tinham também profundo significado social, pois promoviam o inter-relacionamento humano.

Homens e mulheres só têm uma preocupação, o preparo para a desobriga. É nas desobrigas que o crente faz a páscoa; daí o nome "desobriga", de desobrigar a consciência perante Deus, pela confissão. Nessas festas os velhos amigos se encontram, trocam-se amáveis cumprimentos. Casam-se os noivos (SERRA, 1946, p. 32).

Na formação social dos espaços sertanejos, a ação da Igreja, mesmo dispersa, constituiu-se no elemento impulsionador desse processo, na medida em que conseguia através da crença aproximar os mais distantes moradores da região, que se reuniam solidariamente em alguns espaços para professar a sua fé.

O comportamento dos rebeldes balaios e sua maneira de agir refletem a influência do passado histórico dos primórdios da colonização. Por volta da segunda década do século XIX, o contexto dos sertões começou sofrer sensíveis transformações que foram determinadas pela expansão do gado, pela abertura de novas estradas, novas rotas comerciais e novos contatos, tudo isso propiciando a troca de idéias e influências. Nesse processo a fixação de remanescentes revolucionários de Pernambuco e do próprio litoral, tem um papel de destaque.

Esses aspectos, de certa forma, contribuíram para trazer algumas mudanças ao panorama cultural, social e político do sertão. Esse contexto foi adquirindo novos matizes, os quais foram se

incorporando à vida da população. Compondo esse panorama de mudanças, a região assistiu a reorganização do seu espaço, e a institucionalização do poder local, com a criação de novas vilas, marcadas pelas disputas políticas em torno do poder, em busca de mando e prestígio.

Entre o tempo que medeia o espaço da colonização e o tempo da Balaiada, grandes foram as mudanças observadas no contexto sertanejo. Entretanto, no decorrer do movimento os balaios deixaram transparecer nas ações e atos cometidos a influência de valores, costumes e tradições da época dos seus ancestrais.

Por isso, ocorreu a inesperada entrada de Francisco dos Anjos no movimento para “lavar com sangue a honra ultrajada das filhas por um hóspede traidor”<sup>6</sup>, ou para livrar seus filhos do recrutamento forçado<sup>7</sup>. Percebe-se também o quanto valia o significado da palavra empregada, muito mais que dinheiro ou qualquer contrato, além de observa-se que a credulidade estava sempre presente entre os sertanejos. Portanto, na época da Balaiada, a sociedade sertaneja mesmo já tendo passado por transformações, ainda conservava traços culturais da época da sua colonização.

A Balaiada, revolta que eclodiu no sertão maranhense, na primeira metade do século XIX (1838 a 1841) foi, segundo Astolfo Serra (1946, p. 148), “uma rebelião que originou-se de uma massa agitada e rebelada, um aglutinado inquieto de vaqueiros, artesãos e até abastados fazendeiros”. Essas agitações e revoltas, ocorridas no contexto de crise da Regência, “são movimentos que eclodem em diversos pontos do país, estavam ligados à situação econômica do país, que medeia para a vida autônoma sem o mínimo de recursos para atender às suas necessidades (SODRÉ, 1973, p. 145).

Quando da eclosão da Balaiada, a Província do Maranhão, em especial o interior, vivia uma situação de profunda violência, oriunda dos recrutamentos indistintos, prisões indiscriminadas, trabalhos forçados. Como reação era comum naquele contexto o arrombamento de cadeias, fugas de membros da Guarda Nacional, assassinatos, suicídios e tantas outras formas de reação que a

<sup>6</sup> Cf. MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. Memória Histórica e Documentada da Revolução da Província do Maranhão desde 1939 até 1940. Rio de Janeiro: revista do IHGB, n. 10, 1848.

<sup>7</sup> SÃO LUÍS. Arquivo Público da Fundação do Maranhão. Ofício do Presidente do Brejo para o Presidente Vicente Pires de Camargo, em 12/12/1838. Seção de seleção e identificação de documentos. Pasta dos Prefeitos.

população mais humilde adotou para demonstrar sua insatisfação, seu descontentamento contra todos aqueles que para eles eram os culpados de sua situação.

A historiografia consagrou a data 13 de dezembro de 1838, como o início da revolta, quando do arrombamento da cadeia da Vila da Manga pelo vaqueiro Raimundo Gomes, ocasião em que foi lançado o manifesto pelos revoltosos, inspirado nas reivindicações dos liberais bem-te-vis. Estas reivindicações constantemente reaparecem na documentação dos rebeldes, adquirindo maior expressividade após a tomada e ocupação de Caxias, ocasião em que os rebeldes de fato consolidam sua posição ao assumir o poder político e administrativo da cidade.

Considerando que a Balaiada foi um movimento que contou com uma grande participação popular, é possível dizer-se que ela representou a confluência de fatores sociais (desrespeito, opressão, exploração e miséria) e de reivindicações políticas de caráter nativistas (suspensão da Lei dos Prefeitos e Sub-prefeitos, expulsão do Presidente da Província, expulsão dos portugueses) por uma parcela significativa da população do sertão maranhense, composta de vaqueiros, escravos fugitivos, pequenos artesãos, assaltantes de estradas, agricultores, sem-terra, desertores da Guarda Nacional, pequenos comerciantes, fazendeiros etc...

Sendo assim, pensar a Balaiada no contexto do sertão é analisar seu caráter político no sentido da cultura, o que exige a apropriação das “crenças, idéias, normas e tradições que dão peculiar colorido e significado à vida política em determinado contexto” (BORGES, 1992, p. 16). E no caso do contexto sertanejo maranhense estes aspectos adquirem um significado fundamental, dada as circunstâncias que envolveram seu povoamento e seu desenvolvimento.

### **Considerações finais**

A análise do sertão torna-se imprescindível para o estudo da Balaiada, assim como para analisar a dicotomia presente nas ideias sobre litoral e interior. A região sertaneja maranhense teve o seu processo de ocupação e desenvolvimento desarticulado da capital, São Luís, o que favoreceu um relacionamento tenso e cheio de conflitos entre as classes locais do sertão e o poder da província. Essa insatisfação do sertanejo manifestou-se em seu comportamento e também nos movimentos de revoltas que eclodiram na região, a exemplo da luta dos balaios, por representar a luta de sertanejos

de diversas categorias sociais que se armaram contra as autoridades constituídas, tentando livrar-se de suas arbitrariedades e tornarem-se livres. As condições geográficas dessa região - presença de rios navegáveis e locais inacessíveis às tropas da legalidade - influenciaram na expansão do movimento rebelde.

Esse, portanto, foi um movimento de revolta de caráter popular, e dada a heterogeneidade de seus componentes, foi marcado pela pluralidade de características contraditórias e diversificadas, cujos matizes são definidores de sua natureza sertaneja.

## Referências

- ABRANCHES, Dunshee de. **A Esfinge de Grajaú**. 2. ed. São Luís: ALUMAR, 1993.
- \_\_\_\_\_. **O Cativoiro**. 2. ed. São Luís: ALUMAR, 1992.
- ABREU, Capistrano. **Capítulos de História Colonial**. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: EDUSP, 1988.
- ALENCASTRO, Luis Felipe de. Memórias da Balaiada: introdução do relato de Gonçalves de Magalhães. **Revista do CEBRAP**, nº 23.
- ALMEIDA, Cândido Mendes de. **A Carolina ou a definitiva fixação de limites entre as províncias de Maranhão e Goiás**. Rio de Janeiro: Typografia Episcopal de Agostinho Freitas Guimarães e Cia, 1852
- AMADO, Janaina. Região, sertão, nação. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 145/151
- AMARAL, José Ribeiro do. **Apontamentos para a história da revolução da Balaiada na província do Maranhão**. São Luís: Typografia Teixeira 1898-1900 e 1906. 3v.
- CABRAL, Maria do Socorro Coelho. **Caminhos do Gado**. São Luís: SIOGE, 1992
- CARVALHO, Carlota. **O Sertão**. Rio de Janeiro: Empresa de Obras Científicas e Literárias, 1924.
- CRISTÓVÃO, Fernandes. A transformação da realidade sertaneja e sua passagem a mito (a Divina Comédia do sertão). São Paulo: **Revista da USP**, Dossiê Canudos, nº 20, s/d, pp. 43-54.
- DIAS, Claudete Maria Miranda. **Balaio e Bem-te-vis: a guerrilha sertaneja**. Teresina - PI: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.
- GUIMARÃES, Luis Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o IHGB e o projeto de uma história nacional. **Estudos Históricos**, 1988.
- JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. **A Balaiada**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987

LOPES, Raimundo. **Torrão Maranhense**. Rio de Janeiro: Companhia Fon-Fon e Seleta, 1970.

MEIRELES, Mário Martins. **História do Maranhão**. Rio de Janeiro: DASP - Imprensa Nacional, 1960.

ROHRIG, Mathias Assunção. **A Guerra dos Bem-te-vis: a Balaiada na memória oral**. São Luís - MA: Ed. IPES, 1983.

RIBEIRO, Francisco de Paula. Descrição do território de Pastos Bons nos sertões do Maranhão, propriedade dos seus terrenos, produções, caráter de seus habitantes, colonos e a situação atual dos seus estabelecimentos. Rio de Janeiro. **Revista do IHGB**, 1849.

SANTOS, Maria Januária Vilela. **A Balaiada e a Insurreição de Escravos no Maranhão**. São Paulo: Ática, 1983.

SANTOS, Sandra Regina Rodrigues dos. **A Balaiada no sertão: a pluralidade de uma revolta**. São Luís: Editora UEMA, 2010

SERRA, Astolfo. **A Balaiada**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1946.

VIANA, Oliveira. **Evolução do Povo Brasileiro**. 3.ed. São Paulo: Companhia editora Nacional, 1938